

Homem Diabo

Livro 1

Inferno

Roniel Venâncio

A mesa que estava entre eles parecia um pouco maior agora. Nunca foi tão difícil para Lazar escolher uma carta. Já haviam feito aquilo várias e várias vezes. E todas estavam ali, dispostas. Prontas para lhe contar algo. Talvez algo que ele já sabia ou algo que não queria saber.

Sua mão enfim tocou uma das cartas. Seus olhos foram da carta para Nina. E Nina saiu enfim de seus olhos e foi para a carta. A Estrela.

— Orientação para a conquista...Um guia. Algo que devemos seguir, nos prender em um voto de confiança. — Nina então observou o ambiente à sua volta. O velho trailer herdado de Madame Helena continuava o mesmo há muitos anos. O mesmo cheiro, as mesmas cores. Ela conseguia sentir sua energia. Então viu-se pronta para falar diretamente para Lazar. — Acreditar no sucesso é o primeiro passo para que ele venha a acontecer. Eu acredito muito em nós. A nossa fuga hoje à noite. E você?

— Eu ainda tenho medo. Medo do futuro. Por isso estou aqui, porque quero ver o que ele reserva pra gente. Eu tenho medo de te perder...

— Nós não vamos nos perder. A segunda carta, Lazar. — indicou a jovem cigana de 18 anos.

Lazar olhou para o *tarot* aberto à sua frente. Nas vezes que fazia isso com Nina tudo era mais fácil, sem toda essa *energia pesada*. Seria o ambiente ou o momento? A Morte. Lazar gelou dos pés à cabeça. Olhou para Nina. Não para seus olhos e sim para o *bindi* roxo que trazia em sua testa. Não teve coragem, apenas ouviu.

— A Morte... Representa o fim de algo, um ciclo ou uma jornada. Pode ser o primeiro passo para um renascimento. Mas essa é uma carta ambígua, eu não consigo determinar exatamente o que ela quer dizer. Eu sinto que talvez... Nós dois sabemos o que ela pode estar indicando. — Nina olhou direto para Lazar. Naquela madrugada um gentil amigo equilibrista dos dois tentou fugir do circo. Ele foi capturado. A essa hora Lazar já não tinha mais certeza se ele estaria "bem" ou não... Não queria pensar nisso. Doía de um jeito diferente para ele.

Nina baixou os olhos para seu baralho. Ele que por tanto tempo fez de seu dom da *adivinhação* o bem mais precioso para a companhia de Lazar. O que ele reservava para os dois?

Lazar se viu observando as velas de diferentes cores acesas no trailer de Nina. Estavam mais à sua direita. Por uma pequena fração de segundos sentiu que poderia encostar sua mão no fogo e sair ileso, sem se machucar.

— Eu não sei dizer o que estou sentindo agora... — e sua mão foi do fogo das velas para a terceira carta da sessão. O Diabo.

— O destino necessário para enganar a morte... — disse Nina em uma reação automática. Lazar enfim olhou em seus olhos. Havia fogo neles. O coração de Lazar já não estava o mesmo desde que puxou a primeira carta. Estava quente.

— Não é a primeira vez que você diz algo assim... Sempre falando de destino. Você sabe de algo, não é?

— Puxe a última carta... Eu não sei o que tudo isso significa ainda, mas sei que é algo grandioso.

— Talvez grande demais para nós dois...

— Você tem que confiar em mim!

Lazar, sem sair dos olhos em chamas de Nina, virou a última carta. O Mundo.

Nina admirou a carta por alguns segundos. Não sabia se queria sorrir, ainda que fosse um tímido disfarçado, ou chorar, ainda que fossem poucas escorrendo-lhe o rosto. Segurou a mão de Lazar sobre a mesa. Olhou para o amigo e disse:

— Realização. A conquista dos objetivos. Vitória e plenitude. Lazar, eu sei que a gente pode conseguir, agora eu vi tudo. O nosso destino ainda apresenta passagens obscuras que eu não consigo interpretar direito, mas o que eu consigo ver... — Nina fechou os olhos por um breve instante. Ao reabrir os olhos seu olhar estava diferente. Algo próximo do triste... Levantou-se da cadeira sem dizer mais nada.

Lazar viu sua amiga andar pelo trailer. Reflexiva. Ele olhou uma última vez para as cartas tiradas na sessão. A Estrela, A Morte, O Diabo e O Mundo. Se na cabeça de Nina elas construíam alguma possível visão de destino, na dele só aumentavam sua preocupação e sua dúvida pelo que estava por vir.

Lazar de alguma maneira queria que aquele futuro viesse logo. Acontecesse logo, de uma vez. Queria vê-lo, senti-lo. *Mudá-lo* se fosse o caso. Isso era tudo que ele sentia no momento, mas tinha certeza de que nunca conseguiria explicar isso para a amiga.

Quando enfim saiu das cartas, viu Nina parada admirando a pequena janela de seu trailer. O garoto se aproximou para ver o que chamava a atenção da amiga. Eram nuvens sobre a cidade que estavam acampados. Nuvens negras indicavam um tempo frio e anúncio de chuva. Mas para Nina aquela visão poderia querer dizer-lhe algo a mais. Um presságio de complicações e turbulências em breve? Por quê?

Nina não conseguiria responder àqueles questionamentos tão cedo. Disse para Lazar que precisava ficar só por um momento.

O amigo acrobata circense segurou sua mão por alguns segundos. Sentiu-a quente como quem segura uma xícara de chá. Mas também sentiu o vento gélido que vinha do tempo nublado lá fora e saiu do trailer da cigana.

*

Castelo Negrescu era o nome da companhia de circo a qual os dois jovens integravam. Possuía origem romena e já existia há mais de um século. A turnê atual passava de cidade em cidade levando apresentações com animais, acrobacias e principalmente ilusionismo e misticismo, marcas registradas da família criadora da companhia.

Tiberiu Constantin era o grande e admirado patriarca da família que herdou a companhia de sua falecida esposa, uma descendente direta do famoso mágico Negrescu, criador do circo. Tiberiu havia passado mais de 50 anos à frente da companhia. Em todo esse tempo foi recrutando artistas por onde quer que passasse, sempre com a promessa de fazer com aquela pessoa evoluísse como homem e artista em seu espetáculo. Faleceu há dois anos por causas naturais.

Seu filho, Pavel Hodos, passou longe de herdar o legado do pai. Em dois anos transformou o *Castelo Negrescu* em um símbolo negativo para todos que integravam a companhia. Ser um artista circense sob a administração de Pavel era um pesadelo. Dois anos foram suficientes para que o

herdeiro passasse a se achar maior que o circo que mestrava. Tornou-se uma pessoa *ignorante, intransigente e intolerante*.

Uma triste realidade passou a fazer parte da rotina circense. A cada cidade que montavam acampamento, a cada rota que tomavam pelas estradas, a cada mínima oportunidade que pudesse surgir, artistas dos mais variados segmentos procuravam fugir da companhia. Poucos obtinham sucesso. Pavel tinha alguns homens em seu controle. O pior deles era Covar, o malabarista. Era ele o braço direito de Pavel e o principal perseguidor daqueles que se atreviam a fugir.

Os rumores que se espalhavam pelo circo nos últimos meses era de que a ordem de tratamento para os capturados era a própria índole de Pavel. Muitos sumiram. Nunca mais foram vistos.

*

A primeira noite de apresentação daquela cidade havia chegado. O circo estava lotado, como já era de se esperar, e Lazar aguardava nos bastidores para entrar em cena. O jovem acrobata de 17 anos notou o clima pesado a que Nina provavelmente estava se referindo mais cedo. Notou que seu amigo não estava ali também. A apresentação de hoje contaria com um equilibrista a menos. E provavelmente todas as próximas...

Antes de Lazar entrar no picadeiro viu a apresentação de Covar. O responsável pelo aperto que sentia no coração naquele momento estava ali, como se nada tivesse acontecido, entretendo as pessoas conforme a delicada missão do circo pedia. Os espectadores não sabiam de nada. Nunca poderiam imaginar tamanha atrocidade.

Chegou a vez das acrobacias de Lazar.

Nos quinze minutos que ficou em cena, o medo e o "pesar" em sua alma se transformaram numa catarse inflamável. Lazar em movimentos rápidos e ágeis fez de sua apresentação uma das mais bonitas que poderia ter feito por aquela companhia. Sua assinatura de despedida.

Ao chegar o momento certo do relógio, Lazar se pôs a esperar pacientemente nos bastidores. Repassava mentalmente todo o plano construído ao lado de Nina. A saída estava ali à sua esquerda. Correria por entre os trailers do acampamento. Teria que se esgueirar em algum momento para não ser visto pela equipe de batedores do circo. Eram todos comprados por Pavel. Iria então direto para o trailer de Nina.

Depois disso viajaria o máximo que seu cansaço deixasse.

Lazar então aguardava. O sinal poderia vir a qualquer segundo. Seu pé batia no chão em um ritmo totalmente diferente da música que vinha do picadeiro. E foi quando a primeira explosão irradiou o céu noturno que o coração de Lazar começou a flamejar.

Os fogos de artifício foram explodindo um a um e logo depois viraram uma verdadeira orquestra de luz e explosões. O público no picadeiro gritou e aplaudiu em um primeiro momento. Mas foi quando as luzes começaram a viajar como cometas entre os espectadores que seus louvores se transformaram em sofrimento.

A distração criada foi o suficiente para que Lazar escapasse pelos fundos do picadeiro, mas algo estava fora de controle. Uma vez do lado de fora da imensa lona roxa, viu que o céu mudara de cor. Não era preto como o silêncio noturno da madrugada e sim vermelho irradiante como nas

escrituras dos fins dos tempos. As nuvens carregadas de mais cedo não faziam nada mais do que refletir o inferno na terra.

Os fogos de artifício foram sabotados e em vez de estarem explodindo no céu estavam queimando tudo e todos na terra. Pontuais chuviscos laranja-avermelhados ainda alcançavam as nuvens para anunciar a todos de que aquele era o fim.

O picadeiro foi o primeiro a incendiar. Uma grande flama iluminou o acampamento circense. Ao lado dela, um a um, os trailers foram sendo atingidos. De perto ou de longe era possível se ouvir as estruturas se rompendo, vindo abaixo em barulhos ensurdecedores. Tudo entrando em combustão.

Na desesperada tentativa de sair do local, pais e filhos vivenciaram a violência da sobrevivência. Gritos e choros eram ouvidos aos quatro cantos do local. As crianças sem os pais, os pais se degladiando por espaço para fugir. Espaço que para muitos não existiu.

Logo os animais nas jaulas também ficaram apavorados. Uma mescla de rugidos podiam ser escutados, mas não ouvidos por muitos que estavam ali para apenas se salvar. Mas quem iria resgatar os *selvagens* do espetáculo?

Lazar corria e se esgueirava por entre o inferno. Tentou chegar ao trailer de Nina o mais rápido possível, mas alguma coisa que pegava fogo no circo devia ser de um material tóxico. Logo o cheiro se espalhou e atingiu o jovem acrobata. Imediatamente o mesmo sentiu um forte mal-estar. Teria que prender a respiração ou iria morrer tentando. O cheiro entrava queimando pelas narinas e ia assim por todo seu corpo. Estava sufocado pela fumaça negra que se tornou o acampamento.

Conseguiu correr, ainda que debilitado e cego. A cada novo trailer que era atingido pelas chamas um calor insuportável era sentido. O picadeiro era agora uma bola de fogo. Os fogos de artifício haviam diminuído de intensidade, havia alguém tentando controlar a situação, tentando salvar algumas vidas. Mas a pele de Lazar já havia sido há muito atingida pelas chamas e ardia com a temperatura alta.

Em um determinado momento Lazar só conseguia pensar em Nina. Suas dores não eram maiores do que a vontade de saber se a amiga estava bem com a tragédia que estava acontecendo. Viu seu carro. Não estava em chamas. A madeira preservada que compunha o mesmo estava suportando a alta temperatura e não havia sucumbido às chamas.

Lazar viu que apesar de tudo iria conseguir fugir com ela. O plano não havia saído perfeitamente, mas até agora todas as suas chances ainda estavam no jogo.

O que Lazar não viu foi a faca arremessada de suas costas que acabou lhe errando por uma questão de centímetros. A lâmina se enterrou na madeira de um carro parado ali próximo.

Lazar olhou para trás. Caminhando por entre o fogo vinha Covar com movimentos rápidos de manipulação de facas. O jovem acrobata conseguiu reagir com intuitivas esquivas para escapar dos golpes pontiagudos de seu oponente. Era como se as facas de Covar rasgassem o ar em fagulhas. Os dois foram nessa dança pelo fogo até a parede do trailer onde estava a faca cravada.

Lazar então aproveitou um pequeno momento de pausa entre a sequência de golpes para poder apoiar os pés e as mãos no corpo de Covar e assim poder pular por cima do mesmo. Em

um ágil movimento conseguiu retirar a faca da parede e quando voltou a encarar seu oponente mostrou sua arma para ele.

Mas a arma não serviu exatamente para os propósitos pretendidos por Lazar. Covar engatou uma nova sequência de golpes, ainda mais furioso e decidido. Lazar se viu obrigado a se defender com a faca instintivamente. Uma tempestade de lampejos e faíscas irradiou por entre os dois. Era metal quente batendo em metal quente.

Em uma derradeira e sincronizada pincelada mortal, Lazar conseguiu acertar Covar no ombro. Mas foi ao mesmo tempo em que era atingido pelo seu inimigo no mesmo local em que o acertara.

Por uma fração de segundos sentiu a dor que seu amigo equilibrista deve ter sentido algumas horas antes. Olhou nos olhos de Covar. Mas a dor pelo amigo não durou muito tempo. Lazar sentiu uma tão forte quanto a que podia aguentar. Era metal quente em sua pele quente.

Ambos retiraram suas facas e o sangue escorreu pelo braço.

Covar então partiu para decidir. Seus golpes foram mais rápidos, mais fortes, mais mortais. Lazar não aguentou dez segundos com a faca em mãos. A mesma voou depois de uma dura defesa e caiu no gramado já seco. Estava desarmado agora.

E por uma fração de segundos Lazar sentiu o gosto quente da morte na boca. Covar ia com o golpe certo em seu peito. Mas uma pequena flama deve ter atingido algo extremamente volátil dentro do carro próximo aos dois. A explosão que se seguiu foi rápida e violenta como seria a morte do acrobata.

Ambos foram ao chão, arremessados, como faíscas de uma grande fogueira.

Lazar quis se recompor instantaneamente, mas só conseguiu após se certificar de que sua tontura estava passando. O corpo ardia. Havia batido a cabeça na queda, estava sangrando na sobrancelha. Covar estava numa situação semelhante. Levantou-se cambaleando, mas com a arma ainda em mãos.

O que Lazar conseguiu distinguir da realidade foi a figura de um ser caminhando em sua direção. Seu corpo pegava fogo e ele iria lhe matar. Era um demônio.

O que Covar passou a enxergar à sua frente foi a imagem de um ser encolhido esperando a sua chegada. Ele se esgueirava com o fogo às suas costas e lhe olhava atentamente. Em sua cabeça havia chifres e era como se tivesse pequenas asas saindo de seus braços. Uma espécie de demônio.

Covar partiu para o golpe mortal.

Lazar mostrou uma agilidade sobre-humana e conseguiu esquivar do golpe sofrido. Ainda no mesmo movimento teve a intuição de empurrar seu inimigo. Em direção ao fogo. Em direção ao inferno.

O corpo de Covar foi silenciosamente de encontro as chamas. Sumiu com a subida de uma fagulha.

Lazar então se recompôs. Procurou respirar o mínimo que podia e foi em direção ao trailer de Nina.

*

A cabana da cigana do circo *Castelo Negrescu* ainda estava intacta. Por algum motivo o carro da amiga de Lazar não tinha sido atingido pelo inferno que se tornara o acampamento.

Ao entrar no trailer de Nina, Lazar a encontrou caída no chão. O pior lhe passou pela cabeça.

Pegou o corpo da amiga, procurou sentir seu pulso, mas estava nervoso demais. Não sabia o que fazer. Chamou pelo seu nome, mexeu em seus ombros, em seu rosto. Pediu a alguém para que ela não morresse. Não ali. Não hoje. Com quem ele ficaria a partir de agora?

O corpo de Nina não esboçava nenhuma reação. Estava inanimado como as velas coloridas que davam a iluminação do ambiente perfumado.

Um pequeno brilho resplandece de seu *bindi*. Nina abre os olhos. Lentamente vai recobrando a consciência. Reconhece o rosto de Lazar. O toca com uma das mãos. "Eu estou bem. Tira a gente daqui, rápido."

Lazar quase não acreditou quando viu que Nina havia acordado. Beijou sua testa e arranjou forças finais para pô-la nos braços. Carregou-a até a parte da frente do trailer, onde havia os assentos do carro. Cuidadosamente ele a deixou no banco do carona. Correu para fechar a porta de trás da cabana e se pôs de volta no volante. De lá ele os guiaria para o mais longe que pudesse.

Carro na estrada e coração ainda a mil pelo acontecido.

Não fazia muito tempo que havia começado a dirigir quando viu as primeiras pequenas e tímidas gotas de chuva caírem pelo para-brisa.